

PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Tuesday 21 May 2002 (afternoon)
Mardi 21 mai 2002 (après-midi)
Martes 21 de mayo de 2002 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d'y être autorisé.
- Rédiger un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

Faça o comentário de um dos textos seguintes:

1. (a)

O Funcionário Cansado

A noite trocou-me os sonhos e as mãos
dispersou-me os amigos
tenho o coração confundido e a rua é estreita
estreita em cada passo
5 as casas engolem-nos
sumimo-nos
estou num quarto só num quarto só
com os sonhos trocados
com toda a vida às avessas a arder num quarto só

10 Sou um funcionário apagado
um funcionário triste
a minha alma não acompanha a minha mão
Débito e Crédito Débito e Crédito
a minha alma não dança com os números
15 tento escondê-la envergonhado
o chefe apanhou-me com o olho lírico na gaiola do quintal em frente

E debitou-me na minha conta de empregado
Sou um funcionário cansado dum dia exemplar
Porque não me sinto orgulhoso de ter cumprido o meu dever?
20 Porque me sinto irremediavelmente perdido no meu cansaço?

Soletro velhas palavras generosas
Flor moça amigo menino
irmão beijo namorada
mãe estrela música
25 São as palavras cruzadas do meu sonho
palavras soterradas na prisão da minha vida
isso todas as noites do mundo uma noite só comprida
num quarto só

António Ramos Rosa (Portugal), *Obra Poética* (1993)

1. (b)

Desanimado diante do que sucede na minha pátria e o desafio do tempo que me perpetua e persegue, evoco a figura do meu avô. Talvez pelo desenho de seu destino e a intrepidez com que se desapegava do mundo.

Dizia-me: - As penas vêm dos outros. E a vida agarra na mão as penas.

5 Mas sou feliz ao ouvi-lo na memória. Pondo o seu braço enorme sobre os meus pequenos ombros.

Suas mãos respiravam comigo. Respiravam pela boca do silêncio.

É verdade que me afastei, quanto pude, da dita civilização.

Mas não nego que cheguem a mim algumas furtivas e extraviadas vozes.

10 E não quero sequer o trabalho de distingui-las. Deixarei para o que não me pertence a loucura. Só posso civilizar, aos poucos, o que me cabe da esperança.

Os pés de meu avô, que eram velozes quando rapaz, tinham os dedos sem unhas. Endureciam pelos apertados sapatos.

Eram imensos os pés e o couro resistia, para que não saíssem para fora como repolhos.

15 - Onde estás? - Indagava, como se eu me ocultasse de seus olhos. E não era assim. A autoridade transmitida pelo tom rígido e forte com que, às vezes, estrondava a voz, fazia-me culpado, mesmo sem o ser, nalgum lugar do peito ou no coração dividido. E eu era um Adão convulso sob as nuas folhas da figueira. Depois o tom mudava, ao se erguer, desajeitadamente do tronco de cinamomo, onde se acostara, apoiando-se na palma, em
20 alavanca.

E ao entrar em casa com a chuva, eu entrava atrás, maroto. E entrava, entrava. Interminável era a casa. Como meu avô.

A chuva tilintava com suas moedas de água e o céu trovoava igual a um cavalo batendo com as patas no palanque, onde fora amarrado. Sim, um cavalo trêmulo, a fungar
25 pedras de azuis relâmpagos.

Recordando-me agora daquele momento antigo, descubro que meu avô possuía os gestos desconjuntados da chuva. E essa descoberta é simultânea ao gosto da água recolhida e boa que bebia na infância em odre de cedro. Água cativada e generosa. Parida na fonte.

Carlos Nejar (Brasil), *Ulalume* (2001)